

Uso descontrolado da tecnologia afeta aprendizado infantil

Especialista de psicologia da educação da **Unicamp** alerta que o uso excessivo de telefones celulares e tablets traz consequências negativas para o aprendizado das crianças. Além de atrapalhar o convívio social, passar muitas horas em frente a uma tela prejudica as estruturas necessárias para aprender matemática, como o raciocínio lógico e a velocidade de pensamento. A saída é estabelecer limites.

PÁGINA A5

COMPORTAMENTO III INFÂNCIA

É preciso limitar acesso à tecnologia

Prejuízos provocados pelo uso excessivo vão além da falta de convívio social e atingem aprendizado

Alison Negrinho
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
alison.negrinho@rac.com.br

Em casa, festas infantis ou até mesmo no intervalo das aulas. Cada vez mais é comum ver crianças usando celulares ou tablets, e se isolando em uma espécie de mundo próprio. Brincadeiras que outrora eram típicas, como soltar peão e pipa, perderam espaço para as telas. O uso precoce e descontrolado da tecnologia, segundo a doutoranda em Psicologia da Edu-

Especialista recomenda limites diários de uso

cação da **Unicamp**, Ana Lúcia Meneghel, é prejudicial no âmbito escolar e atrapalha o desenvolvimento de raciocínio lógico e a velocidade de pensamento.

Mergulhadas em aparelhos eletrônicos de tela (AETs), as crianças deixam de interagir com outras pessoas e, a partir disso, prejudicam a construção das estruturas lógicas, que são as fundamentais para o aprendizado da matemática, em que o aluno aprende o conceito de número e compreende os conteúdos da disciplina, além das noções de espaço, tempo e causa. Juntas, elas são chamadas de estruturas cognitivas e são fundamentais para que os pequenos consigam aprender tudo aquilo que a escola tem para ensinar.

Além de afetar a construção das estruturas cognitivas, Ana Lúcia explicou que, no que diz respeito às relações interpessoais, as crianças terão mais dificuldade em lidar com as frustrações. “Elas estão deixando de brincar, explorar, vivenciar atividades ao ar livre, relacionar-se com outras crianças, de realizar trocas de experiências e também de resolver conflitos entre pares. Por não vivenciar conflitos quando crianças, os relacionamentos serão preocupantes, pois não darão conta de se colocar no ponto de vista do outro, saber que o outro também tem vez. Com certeza também terão dificuldades em relação à paciência e ao tempo”, afirmou.

Por mais que as crianças usem a tecnologia cada vez mais cedo, a doutoranda disse que o grande problema é o excesso de horas que esses jovens ficam em frente das telas, e que isso deveria ser limitado pelos pais.

De acordo com pesquisas da Academia Americana de Pediatria e da Sociedade Canadense de Pediatria, recomenda-se limites para a exposição das crianças a todo tipo de mídia (televisão, games, internet e tablets). Para os pesquisadores, o ideal é que apenas depois dos 3 anos de idade as crianças comecem a ter contato com esses aparelhos e, ainda assim, por tempo limitado.

“Até os 5 anos, as crianças só deveriam ficar no máximo uma hora diante das te-



Leandro Ferreira/AAN

A professora Ana Lúcia Meneghel: uso desenfreado de tecnologias prejudica desenvolvimento infantil

las e o tempo aumenta para duas horas para crianças de 6 a 12 anos, e para três horas a partir dos 13 anos. Existem outros estudos encontrados também, que mostram que o número de horas de exposição a telas, recomendada para crianças entre 3 e 12 anos é de uma hora diária, até os 15 anos é de uma hora e meia e, acima dos 16 anos, duas horas”, esclare-

ceu Ana Lúcia.

Fundamentais no processo de dosar o aproveitamento desta tecnologia na infância, os pais muitas vezes permitem o uso desenfreado dos aparelhos eletrônicos, por acreditarem que o mundo atualmente está violento e que a realidade virtual se apresenta mais segura.

Esse é o caso de Sérgio Manoel Pereira. Com uma filha

de seis anos, ele vê o uso do celular por parte da pequena, como positivo. “Ela consegue se distrair. Usa o celular porque tem vários jogos que gosta, então acaba sendo algo divertido para ela, e para mim, que sou pai, também acho bacana, porque dá um certo receio deixar ela brincar em uma pracinha, por exemplo. Infelizmente vivemos em um mundo extremamente perigo-

so e todo cuidado é pouco”, disse.

Pereira, contudo, explicou que evita que a filha fique em frente da tela por um longo período. “Não tenho um limite de horas estabelecido com ela, mas sempre que percebo que já faz um bom tempo, eu falo para ela desligar um pouco, peço para ela ler um livro, enfim, fazer outras atividades”, completou.

ANA LÚCIA MENEGHEL

Doutoranda em Psicologia da Educação

so e todo cuidado é pouco”, disse.

Pereira, contudo, explicou que evita que a filha fique em frente da tela por um longo período. “Não tenho um limite de horas estabelecido com ela, mas sempre que percebo que já faz um bom tempo, eu falo para ela desligar um pouco, peço para ela ler um livro, enfim, fazer outras atividades”, completou.

Vivendo na era digital, muitos pais acabam se confundindo e dando total liberdade aos filhos. A doutoranda da **Unicamp** relatou que já se deparou com diversos casos do tipo. “Muitas vezes quando falamos desses limites em relação aos AETs, os adultos nos interpelam dizendo que vivemos na época do digital e que tudo está voltando para esse mundo. É importante que os pais conscientizem as crianças, de modo que daqui algum tempo elas mesmas possam se autorregular”.